

PsittaScene Vol 19 No 4 Novembro 2007

Sumário

- 2 Mensagem do Diretor.
- 3 A volta dos Periquitos das Ilhas Maurício.
- 10 Mike Reynolds e o Periquito das Ilhas Maurício.
- 11 Enriquecendo vidas: Um papagaio por vez.
- 13 A proteção das colônias de Ararinha-da-Patagônia.
- 16 Notícias sobre as Araras-de-Garganta-Azul.
- 18 Agradecimento aos curadores: Andrew Greenwood e Charlie Munn.
- 19 PsittaNews.
- 20 Papagaios na natureza: O Papagaio de-Meyer.

Mensagem do diretor

Muitos crêm que o World Parrot Trust é maior do que é na realidade. Enquanto que nós temos orgulho de ter grandes objetivos, na realidade há apenas um punhado de nós espalhados ao redor do mundo. Achamos engraçados os emails endereçados ao “departamento editorial”, “escritório pessoal” ou para o “diretor de compras”, porque todos acabamos por trabalhar nesses setores sempre que necessário. Michelle Cook tem sido parte essencial desta pequena equipe por muitos anos, lidando com os assuntos de sócios a partir do nosso escritório no Reino Unido. Nós temos tido grande carinho por ela e todos ficamos preocupados e tristes quando teve de nos deixar para ajudar a sua família em Wales no começo do ano. Logo ficou claro que ela não poderia retornar tão cedo e nos preocupamos em encontrar um substituto tão capaz e agradável quanto Michelle.

Com sorte encontramos Diane Cottle. Ela nasceu em Norfolk, e veio da Espanha trazendo muitos anos de experiência e treinamento em contabilidade e assuntos relacionados. Michelle gentilmente retornou para Hayle para treiná-la, ajudando a se acostumar ao trabalho e assegurando uma transição tranquila. Para aqueles que tiveram o prazer de se corresponder com Diane, irão considerá-la muito amigável e magnificamente competente. Estamos muito felizes de dar as boas vindas para Diane.

Diane não é a única nova na equipe. Nós conhecemos Steve Milpacher como um sócio bastante motivado em 1989. Nos anos mais recentes se tornou cada vez mais claro que ele tinha mais a oferecer a nossa equipe do que pensávamos. Depois de reestruturar de maneira bem-sucedida o World Parrot Trust Canadense, Steve criou uma equipe de web designers voluntários para construir o site www.birdsareforwatching.org - nosso site parceiro sobre o comércio de aves. Ultimamente eles tiveram a difícil tarefa de reconstruir nosso site principal, o agora lançado www.parrots.org. As habilidades de Steve e daqueles que contribuem são inestimáveis para nossa missão e estamos felizes de lhe dar as boas vindas como nosso Diretor de Desenvolvimento de Negócios.

Como todos de nossa equipe são tão cruciais para fazer o WPT funcionar. Nós estamos tristes em perder ótimas pessoas como Michelle mas também tendo a sorte de ter tanto Diane como Steve conosco agora. Por favor una-se a nós para lhes dar as boas-vindas a equipe do World Parrot Trust.

Jamie Gilardi
Diretor

Os Periquitos das Ilhas Maurício Retornam

Escrito por Jason Malham

O som do bater de asas no cume das árvores revela os Periquitos das Ilhas Maurício se banhando nas folhas umedecidas. Primeiro somente uma ou duas aves são visíveis. Mas assim que os olhos se acostumam a sua incrível camuflagem, mais e mais periquitos se materializam até que quinze ou vinte aves podem ser vistas. Seu método de se banhar é bastante cômico de se ver – com um único movimento

eles mergulham a cabeça embaixo das pontas das folhas, permitindo que a água caia sobre sua cabeça e pescoço, então o peito e barriga é jogado sobre as folhas e esfregado contra elas enquanto que batem as asas ao mesmo tempo. As aves se esforçam sistematicamente para alcançar as copas de árvores selecionadas ficando totalmente molhadas no processo.

Não muito tempo atrás essa visão era apenas um sonho...

A clareira de Plaine Lievre é conhecida por muitos como o “acampamento”. É a maior estação de estudos de campo dirigida pela Fundação de Vida Selvagem das Ilhas Maurício, e o local dos primeiros esforços para salvar o Periquito das Ilhas Maurício da extinção. O acampamento ainda é a principal base para esse trabalho, e tem sido uma parte importante da incrível história de sucesso do Programa para os Periquitos das Ilhas Maurício...

Desde aqueles difíceis dias houve um enorme progresso na recuperação dessa espécie. Neste ano, nós atingimos um dos nossos maiores objetivos com o anúncio de que o Periquito das Ilhas Maurício (*Psittacula eques*) foi rebaixado de na lista de animais ameaçados de Criticamente Ameaçado para Ameaçado! Nunca antes um psitacídeo extremamente raro havia sido rebaixado na classificação – e em menos de dez anos. Com uma população atual estimada de 330 aves, o programa ultrapassou as expectativas de muitas pessoas – mesmo as nossas. Esse sucesso certamente não aconteceu de repente. Foi obtido com anos de trabalho duro por muitas pessoas dedicadas e apaixonadas. Sem o trabalho de equipe do pessoal de campo, da equipe de soltura e criação de filhotes, etc.; o sucesso não teria vindo. Toda pessoa que esteve envolvida com os Periquitos através dos anos merece grandes elogios, e todos sentimos orgulho do que foi conseguido!

Deixando os sucessos de lado, é importante lembrar que Periquito das Ilhas Maurício ainda está muito ameaçado. Trezentas e trinta aves não são realmente muitas. O aparecimento recente da Doença do Bico e das Penas dos Psitacídeos (Pbfd) na população, tem sido um enorme fator para complicar a sua recuperação. A doença foi visivelmente observada na população de Periquitos desde o começo da estação reprodutiva de 2004/2005 quando cinco ou seis aves de solturas prévias foram observadas com os sinais clínicos iniciais do vírus. Testar a população é agora uma grande prioridade para o programa do Periquito.

Estamos numa situação fora do comum em relação à pesquisa da doença. Oitenta por cento ou mais das aves estão identificadas com anilhas coloridas. Sabemos da ascendência da maior parte dessas aves e muitas podem ser estudadas a longo termo. Estamos monitorando o desenvolvimento da Pbfd desde seu início. Existe uma longa lista de questões as quais queremos responder, tais como:

- Qual a proporção da população que está entrando em contato com o vírus?
- Por quanto tempo o vírus tem estado afetando a população?
- Seriam os Ringnecks uma fonte de infecção para o vírus?
- Qual é a taxa de mortalidade?
- O que acontecerá a longo prazo com as aves que sobrevivam à doença?

Um grande componente da pesquisa do período reprodutivo atual será testar a população de Ringnecks para conhecer a prevalência da Pbfd. Planejamos testar mais de 50 aves.

Nesse estágio não temos certeza qual será o impacto a longo prazo que o vírus irá ter nesta espécie. No entanto, estamos aprendendo mais a cada ano enquanto obtemos mais resultados laboratoriais e continuamos as observações a longo prazo de indivíduos. O fornecimento de alimentação suplementar tem sido uma enorme ajuda para nosso objetivo de monitorar de perto tantas aves quanto possível; Mais de 50% da população está recebendo agora a alimentação suplementar e muitas aves podem ser observadas diariamente.

Embora a doença do Bico e das Penas na população de Periquitos possa ser uma péssima notícia, há algumas boas notícias no entanto. Certo número de aves haviam desenvolvido penas amarelas e subsequentemente se recuperaram nas seguintes mudas de penas. A maior parte dessas aves foi comprovadamente possuindo anticorpos contra a doença. Nós tínhamos uma fêmea que desenvolveu

penas amarelas e anormais, sendo positiva pela técnica de PCR para infecção viral ativa. Um ano mais tarde ela tinha se recuperado e agora está visualmente completamente normal! Então realmente parece que algumas aves, incluindo indivíduos realmente infectados, estão superando a infecção. Essas são ótimas notícias.

Tendo trabalhado com o Kakapo (*Strigops habroptilus*) na Nova Zelândia, eu me juntei à equipe do Programa do Periquito das Ilhas Maurício como coordenador em Agosto de 2001. Naquela época eu dizia, “É, vou ficar só por um período reprodutivo e depois ir embora...” Então na metade daquela primeira estação reprodutiva os Periquitos começaram realmente a me interessar. Comecei a pensar, “Bom, eu vou voltar no próximo ano e depois continuar em outro lugar...” E assim continuei – sempre afirmando – “Dessa vez vai ser a última...de verdade...” E seis anos depois eu estou aqui ainda. Mas essa estação reprodutiva (2007/2008) será minha última, e irei embora com muitas memórias, sentindo muito feliz com o que nós conseguimos durante minha estada aqui.

Me juntei ao programa em um ótimo momento porque muitas das técnicas intensivas de manejo já haviam sido tentadas, controle de roedores e alimentação suplementar já estavam bem desenvolvidas. A primeira caixa de ninho artificial havia sido usada por Periquitos e modificações nos ninhos já haviam sido desenvolvidas com bons resultados. Também os filhotes dos períodos reprodutivos anteriores estavam acabando de chegar a maturidade sexual. Nós tiramos proveito de tudo isso e fizemos pequenas melhorias e durante os anos seguintes a população de Periquitos aumentou consideravelmente.

Nós fomos capazes de terminar o manejo intensivo das aves em reprodução depois de 2004/2005 porque já havia suficiente número de aves reproduzindo, e de filhotes se desenvolvendo para que o crescimento da população pudesse continuar. Em 2005/2006 o programa se modificou para um regime menos intensivo de “manejo mínimo”. Isso foi um objetivo de médio prazo mas nós o atingimos um período reprodutivo mais cedo do que o esperado. O manejo mínimo se concentra em somente proteger os ninhos, fornecer caixas de ninhos artificiais e alimentação suplementar. Todos os filhotes são deixados sem interferência. Aqueles filhotes que não estão se desenvolvendo direito não são retirados, e também não se criam na mão nem se fazem solturas.

Depois de séculos de destruição do habitat, apenas 1.27% das florestas nativas das Ilhas Maurício permanecem intactas. O restante da floresta está muito degradado como resultado de tentativas de reflorestamento no passado, e pela invasão de plantas exóticas. A floresta degradada tem tido dois grandes impactos sobre os Periquitos. Uma redução na abundância e variedade de árvores frutíferas endêmicas, que resulta numa escassez de alimentos durante o período de criação dos filhotes em alguns anos. Em adição a isso, a regeneração lenta das árvores tem levado a uma diminuição do número de árvores mais velhas, das quais as aves dependem para fazerem os ninhos nas cavidades.

A predação de Periquitos pelos ratos de telhado (*Rattus rattus*) e por Macacos cynomolgus (*Macaca fascicularis*) tem tido um impacto significativo. Mainás Indianos (*Acridotheres tristis*) comem os ovos e filhotes, e roubam ninhos. Os Ringnecks (*Psittacula krameri*) são extremamente comuns nas Maurício (possivelmente com números acima de 30,000!) e competem com os Periquitos por ninhos e possivelmente por comida. Os Ringnecks são uma fonte potencial do vírus da PBF e estamos pesquisando atualmente a relação entre a incidência do vírus em Periquitos e abundância de Ringnecks.

Existem problemas para os Periquitos das Ilhas Maurício praticamente vindo de todos os lados, todos os quais contribuíram para o grande declínio populacional. No final dos anos 80 era óbvio para as pessoas como o líder do projeto Carl Jones, que ao menos que algo fosse feito imediatamente, a espécie estaria caminhando rapidamente para a extinção. Os trabalhos de conservação para recuperar o Periquito foram na verdade iniciados pelo Serviço Florestal e Conselho Internacional para Preservação de Aves no início da década de 1970, e intensificados pela Fundação para Vida Selvagem das Ilhas Maurício (MWF) e Unidade de Conservação das Ilhas Maurício em 1987. Durante os primeiros anos, o programa de recuperação se concentrou em aprender porque a espécie era tão rara e porque não estava se reproduzindo

bem. A partir da metade dos anos 90 o manejo foi intensificado e técnicas como a transferência de filhotes foram tentadas.

Por volta de 1997 o regime de manejo se concentrou em resolver os maiores problemas que os Periquitos enfrentavam. O maior objetivo inicial foi a proteção de locais de nidificação (contra predadores, outras aves e clima); a manipulação de filhotes selvagens (retirando ou incluindo indivíduos); inspeções regulares nos ninhos em uso e a pesagem de filhotes; o salvamento de filhotes doentes ou com baixo peso; fornecimento de alimentação suplementar; criação na mão e soltura de jovens de volta à natureza. Caixas de ninho artificial foram empregadas com pouco sucesso no início. Então em 2000/2001 uma ave chamada Gabriella se tornou o primeiro Periquito na história a utilizar um ninho artificial (ela também foi o primeiro Periquito de soltura a se reproduzir na natureza). No próximo ano quatro aves fizeram postura nas caixas de ninhos artificiais. Durante aquele período as caixas eram enormes. Elas vazavam e eram muito difíceis de instalar.

Com o passar de poucos anos (2003/2005) nós desenvolvemos um novo design de ninho artificial que é leve, a prova d'água e de macacaos, e muito atrativo para os Periquitos. Até 20 novos ninhos foram instalados em campo a cada ano desde 2001/2002. As caixas são colocadas em áreas acessíveis para facilitar nosso manejo. O número de aves se reproduzindo tem aumentado significativamente nos últimos anos a medida que novas aves atingem a idade reprodutiva. No período reprodutivo de 2001/2002, 15 fêmeas botaram 40 ovos, e 21 filhotes se desenvolveram na natureza. Nós também soltamos 18 aves durante aquele período. Avançando para o período de 2006/2007 onde não realizamos manejo intensivo – sem salvamentos, alimentação de filhotes no ninho, criação na mão ou solturas, houve 60 tentativas de nidificação por 57 fêmeas (três aves recomeçaram após perder suas primeiras crias), com postura de 160 ovos e 72 filhotes se desenvolvendo!

Tem havido um aumento correspondente com o uso de ninhos artificiais. Em 2006/2007 nós tivemos 65 caixas em campo, e 41 foram utilizadas (com posturas) pelos Periquitos!

Uma pequena população reprodutiva em cativeiro é mantida no Santuário de Vida Selvagem Endêmica Gerald Durrell no município de Black River. No melhor momento do manejo intensivo, até 14 filhotes nasciam em um período reprodutivo nesse santuário. Alguns desses filhotes foram utilizados em manejos de filhotes selvagens (ex: transferidos para ninhos onde haviam ovos inférteis) mas a maior parte deles foi solta para aumentar a população selvagem. Conforme a população de Periquitos cresceu, tem havido um aumento no número de tentativas de nidificação. Com o manejo mínimo, a proporção de ninhos que tiveram pelo menos um filhote bem sucedido tem se mantido relativamente constante (50-65%). No entanto, menos filhotes estão se desenvolvendo por tentativa de nidificação porque aqueles que seriam salvos no passado agora morrem nos ninhos.

Um bônus muito interessante do manejo mínimo é que alguns casais (todos menos um recebendo alimentação suplementar), tem sido capazes de criar mais filhotes do que no passado. Nos últimos dois períodos reprodutivos nós tivemos diversos casais que criaram três filhotes. No último ano tivemos um caso excepcional de um casal criando quatro filhotes saudáveis! Essa é provavelmente a primeira vez que esse tipo de situação ocorre em centenas de anos – desde a chegada dos predadores e destruição da floresta. Nos primeiros anos de manejo intensivo, as crias com mais de dois filhotes eram diminuídas, porque nunca havia a oportunidade de mais de dois filhotes se desenvolverem com sucesso.

O período reprodutivo de 2004/2005 foi nosso último ano de manejo intensivo. Foi o auge de tudo que sabíamos sobre o manejo de ninhos e maximização das chances de sobrevivência de tantos ovos férteis quanto possível.

Algumas das técnicas que utilizamos incluem:

* Reidratação de filhotes malnutridos por 24-48 horas na maternidade antes de serem recolocados em ninhos na natureza ou em cativeiro.

* Diminuir o número das crias de 3 para 2 ou 1.

* Trazer ovos que não estavam se desenvolvendo bem para a maternidade de modo que pudessem ser monitorados e recebendo auxílio durante a eclosão.

* Fornecer às fêmeas que tivessem ovos inférteis ou com mal desenvolvimento, ovos falsos para mantê-las chocando até que os filhotes estivessem prontos para serem criados.

As técnicas de transferência de filhotes que utilizamos durante esse período eram altamente sofisticadas. Utilizando uma incubadora (gentilmente doada pelo WPT) alguns filhotes eram mantidos por 6 ou mais horas antes de serem colocados em novos ninhos. Todos os filhotes sendo transferidos recebiam alimentação a intervalos regulares de solução de Ringer Lactato para ajudar a reidratar.

Cuidar de filhotes pequenos e desamparados sempre foi muito gratificante para nossa equipe. A transferência de filhotes frequentemente envolvia viagens malucas, incluindo um passeio de duas horas de jipe seguido por horas de caminhadas pelas áreas mais remotas e rústicas dos estreitos de Black River até um ninho. Uma vez lá, nós esperávamos até que a fêmea saísse, nos permitindo colocar o novo filhote dentro do ninho.

Somente filhotes fortes e saudáveis eram criados e fomos bem-sucedidos em quase todas as tentativas. A única tentativa sem sucesso de que me lembre foi com uma fêmea que, após fazer a psotura de ovos inférteis, estava bastante atrasada com o tempo de incubação (25 dias) e perdeu o estímulo para chocar. Ela não aceitou o filhote. Felizmente nós tínhamos uma segunda fêmea, o que significou que o filhote passou um tarde inteira passeando pelo parque até chegar a sua nova casa! A segunda fêmea o aceitou imediatamente. Um de nossos objetivos era fazer com que muitos filhotes fossem criados por aves e a adoção assegurava que esse objetivo fosse atingido.

Tenho muitas boas lembranças dos nossos “dias de manejo intensivo” para ser capaz de escrever sobre todas, mas algumas histórias irão dar uma idéia sobre o tipo de trabalho que fizemos durante esses anos.

Zoe é um dos meus Periquitos favoritos. Ela é uma ave que foi solta e residente do Acampamento com um ninho na borda da clareira, somente 20m de distância dos cochos de alimentação. Ela é uma visita constante dos comedouros, espantando outros Periquitos que tentam comer no “seu” cocho de alimentos. E ainda assim com pessoas ela é adorável – muito sensível e gentil. Um dia eu estava pesando os filhotes dela que tinham apenas alguns dias de idade.

Nós sempre esperamos que a fêmea saia do ninho, frequentemente para ser alimentada pelo macho, antes que nós possamos acessar os ovos ou filhotes. Eu estava dependurado em minha corda, em frente da caixa de ninho, com Zoe sendo alimentada por Cassidy nos galhos a alguns metros de distância. Os pequenos Periquitos normalmente são bastante barulhentos e enquanto eu estava pesando o primeiro, Zoe podia ouvi-lo chiando dentro do meu contâiner para pesar. Ela ficou bastante curiosa e desceu do galho e subiu em meu ombro. Meu primeiro pensamento foi “Ela vai morder a minha orelha!”, mas eu continuei a rotina diária de checagem no filhote enquanto que Zoe ficou empoleirada no meu ombro, fazendo pequenos chamados parecidos com miados e olhando os filhotes!. Não havia nenhum sinal de agressão ou agitação em relação a mim. Foi um ótimo momento.

Alguns de nós tem boas lembranças do dia em que vários da equipe foram até o ninho Styx (nomeamos todos os ninhos e filhotes baseados em diversos temas), para encontrar dois filhotes mortos e um ovo bastante frio. Um caracol Africano introduzido (*Achatina* spp) havia entrado no ninho (8m acima do solo) e sufocado os filhotes com sua gosma. A fêmea, Lagavulin, abandonou o ninho. Nós pensamos que o ovo estava perdido, mas decidimos levá-lo para a maternidade. Eu levei a incubadora no jipe e encontrei Anna e Shiva na estrada principal mais próxima do ninho. Anna me contou animadamente que o ovo tinha esquentado ligeiramente enquanto o levavam para se encontrarem comigo e que estava começando a eclodir! Que surpresa.

Chegamos até Black River após uma hora de viagem e observamos com assombro enquanto Ryan, o coordenador da criação de filhotes, ajudava o filhote a sair do ovo em poucos minutos. Apesar de tudo o

filhote estava ótimo. Quatro anos mais tarde, Brimstone, como a chamamos, está procriando pela segunda vez.

Eu sempre adorei observar os machos virem até os ninhos descendo pelo desfiladeiro. Quando os filhotes de Periquitos são mais jovens frequentemente há uma espera de 4 ou mais horas entre as refeições, quando o macho vêm para alimentar a fêmea.

Algumas vezes você tem que esperar por horas para poder acessar o ninho e pesar os filhotes. Por isso é sempre um sentimento de alívio ouvir “wack...wack...wack...” (Minha imitação dos chamados dos Periquitos não são boas! Mas parece um pouco com um pato num tom mais agudo) conforme o macho se aproxima. Mas a melhor parte é observá-lo. Ele vêm em grande velocidade de cima do morro, com as asas dobradas para trás e descendo em uma espiral rapidamente até o ninho. Somente no último segundo ele diminui velocidade para pousar na copa da árvore. Adoro observar as aves voarem e é sempre uma emoção ver essa demonstração de perícia.

As técnicas que utilizamos para recuperar o Periquito das Ilhas Maurício são compatíveis com outros psitacídeos ameaçados. Não é portanto surpresa que o pessoal que trabalhou no Projeto do Periquito, trabalharam ou estão trabalhando com o Kakapo, a Ararinha Azul, Arara-de-Lear e alguns dos Papagaios Caribenhos ameaçados. Partilhando idéias e encorajando a livre troca de informações entre os projetos, novas técnicas são mais facilmente desenvolvidas e melhoradas.

Enquanto que espécies como o Periquito das Ilhas Maurício irão necessitar ajuda a longo prazo, a sua estória é um sucesso e uma inspiração. Nestes tempos em que mais e mais espécies estão se tornando mais raras, esse é um exemplo encorajador que inicia um tendência.

A conservação do Periquito das Ilhas Maurício foi um esforço de equipe. Nenhum dos grandes sucessos que o programa experimentou teria sido possível sem o patrocínio e apoio logístico. Nós estamos em eterna dívida com muitos que apoiaram durante todos esses anos.

Agradecimentos especiais para: Serviço de Conservação e de Parques Nacionais das Ilhas Maurício, voluntários que trabalharam com a Fundação para Vida Selvagem das Ilhas Maurício, O World Parrot Trust, Ireland Blyth Limited, Chester Zoo, Kaytee Products Inc., Fundo de Conservação para Vida Selvagem Durrel, Dr. Andrew Greenwood e seus colegas do Grupo Internacional de Veterinários de Zoológicos, Sociedade de Zoológicos do Norte da Inglaterra, Parrot Society e a Fundação Loro Parque.

Fotos:

Somente uma década atrás o Periquito das Ilhas Maurício era considerado o psitacídeo mais raro do mundo. Era um momento de grande exaltação ver um único Periquito voando sobre essa clareira.

“Achilles,” um Periquito com severa manifestação do vírus da PBF. D.

Tanto simbolicamente quanto belos, esses oito Periquitos representam o que pode ter sido a população total em todo mundo menos de 20 anos atrás. Na linda luz matinal, eles agora são uma pequena parte de um próspero bando de mais de 300, graças ao sucesso do programa do Periquito das Ilhas Maurício.

Reidratação para um filhote resgatado e malnutrido era às vezes necessário.

A alimentação suplementar algumas vezes resulta em grandes e saudáveis crias de filhotes que não teriam sobrevivido no passado. Esse raro ninho com quatro filhotes foi uma grande alegria.

Protegendo os ninhos naturais, auxiliando os filhotes e fornecendo comedouros e caixas de ninho artificial ajudaram a população de Periquitos a se recuperar dramaticamente.

O Periquito das Ilhas Maurício

- É o último das 4 a 7 espécies de periquitos do gênero *Psittacula* que uma vez habitavam as Ilhas do Oeste do Oceano Índico. Agora encontrado apenas nas Ilhas Maurício, sua área original incluía as Ilhas Seychelles, Reunião, e Rodrigues.
- É a espécie mais geneticamente relacionada ao Ringneck. O Periquito das Ilhas Maurício é um pouco maior, tem a coloração verde mais escura, asas mais arredondadas e uma cauda mais curta e larga.
- A reprodução é de Agosto até Janeiro. Normalmente fazendo uma postura de 2-4 ovos que eclodem depois de 22-23 dias. Os jovens deixam os ninhos depois de 50-70 dias. Um ou dois filhotes tipicamente saem de ninhos com sucesso (sem interferência humana).

A recuperação e rebaixamento na lista de espécies ameaçadas do Periquito das Ilhas Maurício é um tributo à memória e visão de Mike Reynolds.

Escrito por Carl Jones

Diretor Científico, Fundação para a Vida Selvagem das Ilhas Maurício

Quando comecei a trabalhar com o Periquito das Ilhas Maurício em 1979 essa espécie estava tão ameaçada e os problemas que enfrentava tão difíceis, que conservacionistas se recusavam a patrocinar sua conservação. Me disseram muitas vezes que a espécie era impossível de ser salva. No começo dos anos 80 nós sabíamos que haviam somente 8 a 12 aves, das quais apenas duas ou três eram fêmeas. A população estava se reproduzindo muito pouco e na maior parte dos anos nenhum filhote chegava a se desenvolver. Neste momento não sabíamos o que estava limitando a população e suspeitamos que as aves remanescentes eram de idade avançada. A situação era desesperadora.

Foi Mike Reynolds e o World Parrot Trust que vieram para salvar a situação. Mike considerou que o periquito era uma espécie ideal com a qual o WPT pudesse trabalhar, para continuar os ideais da conservação de psitacídeos. Ele me contou que eram para estes casos que o World Parrot Trust foi criado para ajudar.

Não satisfeito em apenas proporcionar dinheiro para ajudar a manter o trabalho de conservação, Mike e toda sua família se interessaram realmente pelos esforços. Ele e Audrey visitaram o projeto para ver ao vivo como funcionava e como o WPT poderia ajudar mais efetivamente. Seu filho Nick veio para ajudar no trabalho de campo assim como Kirsty e Dale do Paradise Park. Eles também enviaram Pete Haverson que passou muitos anos trabalhando em nossos programas de conservação e liderou o trabalho em campo do Periquito por um período. Quando tivemos problemas com a saúde das aves mantidas em cativeiro, Mike enviou o veterinário (e curador do WPT) Andrew Greenwood para nos visitar.

Andrew não apenas resolveu nossos problemas veterinários mas também ajudou a melhorar nosso manejo e criação de filhotes. O World Parrot Trust também proporcionou algum apoio para Emma Ridgeway que analisou a maior parte das informações que coletamos sobre os Periquitos.

Uma lição importante que aprendemos é que não existem soluções rápidas quando se trata de salvar uma espécie como o Periquito das Ilhas Maurício. Nós estamos gratos a Mike Reynolds por sua visão e comprometimento por começar o trabalho e ao World Parrot Trust pelo apoio a longo prazo para continuarmos. O rebaixamento na lista de espécies ameaçadas é um grande feito na história da conservação de psitacídeos e proporciona muitos aprendizados para o futuro.

Foto:

A equipe do Periquito das Ilhas Maurício em 1997

Os contribuidores dessa edição: David Woolcock é o curador do Paradise Park, e um membro profissional do IAATE (sigla em inglês para Associação Internacional de Treinadores e Educadores de Aves) e Louise Pellow é tratadora do Paradise Park.

Enriquecendo vidas: Um papagaio por vez. Por David Woolcock

É dito que variedade é o que dá sabor a vida. Realmente uma verdade! Todos nós gostamos de variedade em nossas vidas não é mesmo? Então porque tantos donos de psitacídeos parecem pensar que uma gaiola com um poleiro, um pote de água e um de comida é suficiente para manter um papagaio satisfeito e entretido? Eu não sei a resposta, mas sei que o enriquecimento ambiental pode fazer uma enorme diferença na qualidade de vida das suas aves de estimação.

Existem muito brinquedos para papagaios excelentes de diversas marcas. Uma coisa que a maior parte tem em comum é que são geralmente caros. Eles não apenas custam uma pequena fortuna mas os preços podem fazer você acabar economizando com sua ave. Você não pode dar aquilo que gostaria, tão freqüentemente quanto gostaria de dar.

Por muitos anos aqui no Paradise Park nós temos desenvolvido e tentado todas as idéias e maneiras de enriquecimento ambiental para nossas aves. Louise Pellow uma das nossas tratadoras mais antigas, se tornou a melhor na causa do enriquecimento ambiental para papagaios através dos anos. Ela nunca erra quando são necessárias idéias simples, efetivas, baratas e divertidas de enriquecimento.

Mas o que exatamente é o que estamos tentando atingir através do enriquecimento ambiental?

O ENRIQUECIMENTO PODE reduzir a ocorrência de comportamentos anormais que uma ave de estimação desenvolve. Por exemplo, arrancamento de penas pode ser diminuído ou mesmo eliminado através de enriquecimento.

O ENRIQUECIMENTO PODE aumentar a diversidade de instintos naturais ou selvagens que sua ave demonstra. O exemplo mais óbvio disso é a procura por alimentos. Em vez de alimentar uma vez ao dia com um pote cheio de comida, você pode apresentar a comida de uma maneira na qual sua ave deve “trabalhar” para achá-la – exatamente como faria no meio selvagem.

O ENRIQUECIMENTO PODE ajudar a sua ave a utilizar o ambiente no qual vive de uma maneira mais positiva. Uma gaiola grande ou aviário é ótimo – se a ave realmente usa o espaço. Você pode lhe dar uma razão para utilizar o chão ao fornecer uma área de areia para banho. Dê grande variedade de poleiros, cordas, etc. para encorajá-la a usar melhor o seu ambiente. Deixe áreas isoladas para que ela se esconda caso sinta necessidade. Só porque sua ave somente usa algumas partes da área em raras situações, não pense que essas áreas são menos importantes do que as mais utilizadas. A melhor analogia é a da sua própria casa – você tem uma sala de estar, uma área para comer, um quarto, uma cozinha, e um banheiro por último. Apesar de que a maior parte do seu tempo é gasto da área de lazer e no quarto, você acharia difícil se alguém retirasse o seu banheiro ou sua cozinha simplesmente porque você passa menos tempo nesses lugares!

O ENRIQUECIMENTO PODE também aumentar a habilidade de sua ave de estimação para lidar com situações desafiadoras e os estresses diários da vida de uma maneira mais normal. Quanto maior a variedade de experiências e situações a que sua ave seja exposta, menos provável será que ele ou ela ache situações novas amedrontadoras ou estressantes.

O enriquecimento é somente dar alimentos ou brinquedos? Com certeza não. O enriquecimento pode ser dividido em cinco categorias:

O enriquecimento social é um contato direto com pessoas – você, sua família e amigos – assim como a interação com outras aves e animais de estimação em sua casa. Dar o comando para seu cão sentar ou dizer tchau com um beijo são respostas típicas a um ambiente social. Outra forma de enriquecimento social é sem contato. Deixar um rádio enquanto você está fora de casa ou deixar um DVD como o PollyVision, dá a sua ave estímulos auditivos ou visuais. O enriquecimento ocupacional envolve exercitar a mente ou o corpo. Tente estimular a mente de sua ave através de desafios a superar. Esconda a comida no ambiente ou a apresente de maneira que decisões sejam necessárias a ser feitas. Exercite o corpo ao fornecer mais espaço para voar ou mais áreas para explorar e subir.

O enriquecimento físico está relacionado a complexidade e tamanho do “cercado” ou ambiente no qual sua ave vive, em adição aos elementos contidos naquele lugar. O enriquecimento físico também inclui elementos no exterior da gaiola de sua ave, tal como um brinquedo ou guloseima no topo da gaiola e que pode ser acessado somente ao se dependurar de cabeça para baixo do topo da gaiola.

O enriquecimento sensorial estimula os sentidos – seja a audição, visão, olfato, tato ou sabor. O som da chuva (ou do aspirador de pó!) frequentemente estimula uma resposta de vontade de tomar banho nas aves. A visão de uma silhueta de ave de rapina pode levar a uma resposta de alarme. A textura de um brinquedo de trapo pode encorajar a ave a alisar com o bico o brinquedo, assim como iria limpar um companheiro no meio selvagem.

O enriquecimento nutricional inclui não somente o tipo de comida oferecida mas também a maneira que é apresentada. Tente esconder uma guloseima em um pedaço de papelão limpo. Destruir o papelão para chegar até a guloseima é como retirar pedaços de casca de árvore para chegar até um pedaço de alimento. Em vez de alimentar uma vez ao dia, alimente diversas vezes em pequenas quantidades, talvez mesmo em diferentes lugares ao redor da casa se sua ave tem acesso a locais seguros quando solta.

Escolhas, e mais escolhas

Para decidir que formas de enriquecimento dar para sua ave, primeiro pesquise sobre a espécie na natureza. Leia livros, revistas, internet (www.parrots.org), programas de vida selvagem, tratadores de zoológicos e outros donos de psitacídeos. Talvez você possa mesmo até ter a sorte de observar a espécie de sua ave na natureza!

Pergunte a si mesmo sobre as condições básicas de aves como a sua estão vivendo e como elas estão adaptadas para sobrevivência. Em que tipo de habitat elas vivem? Do que elas se alimentam? Como passam o tempo? Estão adaptadas para uma fonte de comida em particular ou um modo de vida? Quanto do seu tempo gastam no solo? Respostas para essas perguntas podem dar a você idéias sobre enriquecimento mais adaptáveis para a espécie de sua ave.

Não tenha medo de experimentar e não fique tentado em descartar uma idéia porque “minha ave não faz isso”. Você pode se surpreender. Também é muito fácil cair na armadilha de dar o mesmo tempo de enriquecimento porque sua ave realmente adora fazer aquilo. O mesmo enriquecimento dia após dia se torna uma rotina. Porque não escrever idéias de enriquecimento em alguns cartões e então pegar um cartão a esmo todos os dias. Essa técnica irá ajudar você a variar o seu enriquecimento e não ficar preso dando somente o que é mais popular com a ave ou mais fácil para você.

Segurança em primeiro lugar!

Muitas pessoas são bastante cuidadosas em relação a brinquedos porque elas não estão certas quais itens são seguros e quais não são. Nós sempre recomendamos que se você está em dúvida, não dê o brinquedo. Sempre prefira ser cauteloso.

No entanto, há uma grande variedade de idéias seguras de enriquecimento para o dia a dia. Quando nós fazemos nossas sessões de enriquecimento em workshops para psitacídeos, Louise gasta ao menos duas horas demonstrando os itens que usamos normalmente. Essas sessões tem demonstrado ser extremamente

populares e nós começamos a mandar algumas das idéias para a Internet na forma de tabelas. Esse formato nos permite adicionar novas idéias de uma maneira regular. Também permite adicionar vídeos de algumas de nossas aves utilizando as idéias descritas. Para visitar nosso site de enriquecimento acesse: www.parrottraining.org.uk e escolha a seção **enrichment**.

ÍTEMS DE ENRIQUECIMENTO DIÁRIO SEGUROS

- * Rolo de papelão de papel higiênico (sem cola).
- * Papelão de caixas.
- * Pedacos de couro
- * Botões grandes (para aves pequenas).
- * Macarrão cru.
- * Guardanapos de diversas cores.
- * Pregadores de Madeira (sem metal).
- * Bastões de Madeira.
- * Colheres/Espátula de madeira.
- * Osso de Siba.
- * Corda de fibra natural.
- * Galhos de árvores tais como pinheiro, árvores frutíferas.
- * Brinquedos seguros para bebês tais como anéis para mastigar, chocalhos e blocos de madeira seguros para bebês.

A lista de guloseimas é ainda mais extensa. Porque não experimentar como alimentos coloridos, sabores naturais, mistura de macarrão e arroz, vagem, vegetais cozidos ou fervidos, sementes germinadas.

Isso é apenas o começo – existem centenas de outras coisas para tentar. Seja criativo e divertido. Tanto a vida de sua ave e a nossa será mais enriquecida.

STATUS DE RESERVA

Uma colônia de papagaios luta pela proteção legal

Escrito por Dr. Juan F. Masello, Biol. Mauricio Failla, Pablo Giovine e Dr. Petra Quillfeldt

Ainda lembramos de nossa primeira viagem até El Condor. Em Outubro de 1998, por volta de 3 da madrugada, paramos para reabastecer em um posto de gasolina na beira da Estrada Nacional 3, a internacionalmente famosa estrada que atravessa a patagônia do Norte ao Sul. Um funcionário do posto estava visivelmente entediado e querendo uma conversa. Ele nos perguntou sobre o motivo para a viagem e começamos a falar sobre nossos planos de pesquisa sobre as Ararinhas da Patagônia. Ele ficou bastante surpreso e disse algo como “Porque você quer estudar essas aves?” Elas são inúteis...Nem mesmo falam!” Essa era uma atitude comum das pessoas que encontrávamos durante nossas duas primeiras viagens no nordeste da Patagônia. Ninguém estava preocupado com as Ararinhas. Ninguém estava consciente dos problemas que afetavam a colônia em El Condor. Ninguém imaginava seu imenso valor. Nem mesmo nós.

Durante nossos dois primeiros anos poucas pessoas estavam conscientes do Projeto da Ararinha da Patagônia (Proyecto Loro Barranquero em Espanhol) – nossa pesquisa e projeto de conservação das Ararinhas (*Cyanoliseus patagonus*) do nordeste da Patagônia, Argentina. No entanto, desde o início nós percebemos que não era apenas somente outra colônia de psitacídeos – era especial. A colônia de Ararinhas da Patagônia de El Condor é a maior colônia de psitacídeos do mundo, com uma estimativa de 35,000 ninhos ativos e se espalhando por 12.5 Km de rochedos de frente para o Sul do Oceano Atlântico.

Nós começamos a contar a estória das aves para as comunidades locais e para colegas. A cobertura pela televisão local e pelo jornal começou a crescer seguido da notícia dada pela rede CNN. Em 2003 nós começamos a trabalhar com o World Parrot Trust. Uma prioridade urgente era encontrar maneiras de alcançar o máximo de pessoas da comunidade quanto possível. Nós começamos a campanha de educação ambiental e desenvolvemos uma série de palestras para crianças variando de 8 a 12 anos de idade nas escolas de Viedma, El Condor e San Javier (uma cidade e duas vilas próximas da colônia de Ararinhas)

durante 2004. Perto de 700 crianças receberam as informações nessa oportunidade e mais de 200 crianças foram até a colônia para visitas guiadas. As experiências que eles tiveram foram tão fortes e vívidas que nós decidimos continuar as palestras na região. Essas palestras mobilizaram as crianças locais para fazer uma campanha tendo como objetivo a vinda de turistas para visitar a região.

Também durante 2004 e início de 2005 – com o patrocínio do World Parrot Trust (o principal patrocinador), a Fundación Patagonia Natural (FPN), e a Divisão de Fauna Selvagem de Rio Negro – placas de estrada divulgando a colônia de Ararinhas foram montadas nas principais rodovias de El Condor. Duas das placas guiam o público até a colônia e as outras duas fornecem informações em relação a biologia reprodutiva da espécie e as principais características da colônia. Essas placas, que tem atraído a atenção local, regional e mesmo nacional, são agora uma espécie de ponto de referência para a qual as pessoas se referem quando dão indicações de direção para lugares em El Condor!

Apesar de que outras placas foram vítimas de vandalismo e pixação, as placas sobre as Ararinhas não foram. Nós gostamos de interpretar isso como que a mensagem tocou fundo a população local.

Apesar de que nós queríamos expandir as palestras para outras escolas, uma série de problemas nas escolas e na comunidade tem prejudicado esses esforços. Como uma alternativa, procuramos maneiras de alcançar as crianças através de maneiras informais. Nós discutimos diversas possibilidades e decidimos produzir um panfleto sobre a colônia de El Condor. Se as crianças não podiam aprender sobre a colônia de Ararinhas e sobre a natureza na escola, então nós iríamos tentar ensiná-las a partir da padaria, farmácia, supermercado, posto de correios, e posto de gasolina. Trabalhando com os mesmos designers que criaram previamente as placas, nós mantivemos o estilo simples e familiar – imitando as placas de estrada de maneira que as pessoas iriam associar ambos os modelos e receberiam uma única mensagem.

Os panfletos contém aspectos básicos sobre a biologia reprodutiva das Ararinhas da Patagônia, aspectos notáveis da colônia de El Condor, as ameaças que enfrenta, e maneiras de ajudar com nossos esforços de conservação. O panfleto mostrou ser um grande sucesso! Distribuímos mais de 10,000 nas cidades vizinhas e em destinos importantes de ecoturismo locais e regionais. Nós achamos que o ecoturismo pode ser uma maneira complementar efetiva de adicionar ainda mais valor para a colônia e conseguir apoio de alguns representantes locais céticos a respeito da criação de uma Reserva Natural em El Condor.

Os panfletos foram projetados de maneira que também pudessem ser usados como pôsters. 1,000 panfletos adicionais foram utilizados como pôsters e exibidos no campus da Universidade em Viedma e em vitrines de 300 lojas, 8 hotéis, e 10 cyber cafés de Viedma, El Condor e Carmem de Patagones. Para uma cidade pequena como Viedma isso significou muita coisa!

Com a experiência conseguida em nosso trabalho de campo de 2005-2006 e o retorno recebido dos colegas e do público, nós preparamos uma segunda e melhorada versão do panfleto durante 2006. Graças a patrocínios adicionais do World Parrot Trust da Espanha, também foi possível criar um pôster especialmente projetado. Uma foto magnífica tirada por Bill Conway, um participante ativo do projeto, nos inspirou. Durante o trabalho de campo de 2006/2007, um total de 8,000 panfletos e 3,000 pôsters foram distribuídos de novo em Viedma, El Condor, Carmem de Patagones, Puerto Madryn e Buenos Aires. Mas dessa vez nós extendemos a campanha mais para cima do vale do Rio negro, onde se encontra o centro econômico e as maiores cidades da região: Roca, Cipolletti e Neuquén.

Mesmo no final de 2003 as atitudes estavam mudando. Um motorista de táxi de Viedma, uma cidade a 30km distante da colônia nos perguntou: “Você sabia, nós temos aqui a maior colônia de psitacídeos do mundo inteiro!”. E agora muitos percebem o valor dessa colônia, os perigos que a ameaçam e a necessidade de uma proteção legal efetiva.

Em Dezembro de 2004, através de alguns representantes locais, nós apresentamos uma proposta, que uma vez aprovada, irá declarar a colônia de El Condor como Reserva Natural da província de Río Negro, na Patagônia. O apoio para nossa proposta tem crescido mesmo com a imprensa regional. Em novembro de

2006, o jornal mais influente da região publicou um artigo sobre a necessidade de proteção da colônia e a importância da aprovação da proposta – um ótimo sinal.

O que irá trazer o ano de 2007? Será esse o ano em que a colônia será declarada uma Reserva Natural? Nós ainda precisamos trabalhar duro para conseguir um acordo em relação nossa proposta entre a maior parte dos representantes locais. Não vai ser fácil: esse é um ano eleitoral na Argentina e os políticos estão concentrados em outros assuntos. Mas de qualquer maneira, a campanha de educação ambiental deve continuar. Agora que a maior parte dos meios de notícia estão começando a entender nossa mensagem, estamos tentando intensificar nossa presença nos jornais, rádios, TV, Internet, etc. Esse trabalho continua.

Se mantenha informado sobre o Projeto através da revista PsittaScene, parrots.org ou nosso site: <http://orn.mpg.de/masello>

Sua opinião e apoio é muito necessária!

Notícias do campo...

O canto do cisne na terra da Arara-de-Garganta-Azul

Um pedaço do blog parrots.org

Escrito por Toa Kyle

10 de Setembro de 2007

O trabalho de campo do período de 2007 para a Arara-de-Garganta-Azul está bem adiantado. Eu acabei de orientar nosso novo coordenador de projeto. Depois de quatro estações reprodutivas aqui na Bolívia vou continuar em outros projetos. Meu substituto é um Argentino, Igor Berkunsky. Ele obteve seu doutorado estudando papagaios verdadeiros (*Amazona aestiva*) na região do Chaco na Argentina por cinco anos e está plenamente capacitado para coordenar o projeto da Arara-de-Garganta-Azul. Ele tem trabalhado com mais de 130 ninhos, e as condições de campo do Chaco irão fazer o trabalho em Llanos de Moxos (onde as Araras são encontradas) uma moleza. As temperaturas no Chaco pode ir até 45 °C ao meio dia e a água é tão rara que a equipe de campo tem que reutilizar água do banho para poder lavar pratos.

O último mês tem sido um tour movimentado ao mostrar a Igor tantas Araras-de-garganta-Azul (*Ara glaucogularis*) e ninhos quanto possível nas condições de campo, enquanto eu o apresentava a importantes contatos e lidava com as questões burocráticas na cidade.

Agosto é frequentemente um dos meses mais secos do ano apesar de que 2007 foi uma exceção. Esse ano vai ser marcado como um ano afetado pelo El Niño nessa parte da Bolívia, levando a chuvas mais fortes do que o normal. O rio principal da nossa área de estudo, o Mamoré, transbordou extensivamente em Março causando uma catástrofe em muitas áreas povoadas e matando milhares de rebanhos de gado, a principal atividade econômica na região. Mesmo em Agosto algumas áreas ainda estavam inundadas, necessitando o emprego de cavalos para ir de um lugar a outro, algo que nós não fazemos normalmente até Novembro.

É difícil dizer como a inundação irá afetar esse período reprodutivo. De um lado uma maior quantidade de chuva deve resultar em maior produção de frutos e consequentemente mais fontes de alimentos para os casais reprodutores de Araras. De outro lado as coisas parecem estar mais confusas do que nos anos anteriores. Por exemplo, em Agosto não é comum encontrar grandes filhotes de Suindara (*Tyto alba*) nos ninhos que também serão ocupados pelas Araras mais tarde. Nesse mês passado nós achamos dois ninhos de Araras-de-Garganta-Azul ocupados por Suindaras, porém as fêmeas haviam acabado de começar a incubar.

Também uma maior proporção de cavidades de ninhos foram ocupadas por abelhas africanizadas em comparação com os anos anteriores. Isso complica nosso trabalho pois um dos objetivos é fornecer o máximo de cavidades naturais quanto possíveis para os casais de Araras. É difícil dizer se o aumento do

número de abelhas e a demora na reprodução de Suindaras são um resultados do aumento das chuvas ou devido a outros fatores, mas eles podem resultar em menores tentativas de reprodução pelas Araras-de-garganta-Azul esse ano (a não ser que nós “eliminemos” as abelhas como fizemos com um ninho bem sucedido no ano passado). Felizmente embora com todas essas preocupações pelos efeitos do El Niño, nós já temos um ninho sendo utilizado. Nesse ninho o início da incubação começou na primeira semana de Agosto, o ninho ativo mais precoce que já vi em 5 estações reprodutivas.

Sempre foi interessante inspecionar as inúmeras caixas de ninho artificial que nós colocamos no último ano. Muitas delas estavam ocupadas por abelhas (a ruína do meu trabalho nesse último mês!) mas alguns estavam repletos de filhotes de Marrecos de-asa-branca (*Dendrocygna autumnalis*). Um deles caiu no solo na primeira vez que abri a porta lateral para inspecionar quem estava dentro. Eles se machucaram na queda? De jeito nenhum. Esses patinhos são anatômicamente projetados para aguentar essa queda pois ainda não podem voar no momento em que deixam o ninho. Daí a origem do termo “patinhos de borracha”.

O destaque do último mês foi na área de 7 Islas. Essa foi nossa área mais bem sucedida no último ano com três filhotes se desenvolvendo ao final de Dezembro. Claro que eu estava interessado para ver quantos destes filhotes tinham sobrevivido até agora. Um dia logo cedo, Carmem Silva (uma voluntária do último ano que agora é uma assistente contratada) e eu estávamos saindo de uma clareira quando paramos de repente ao avistar diversas Araras em um árvore a nossa frente. Foi cômico como nós dois começamos a contar em voz alta, “ Quatro. Não! Seis! Não! Sete! Há sete delas aqui!!!”. Nós tínhamos visto outras quatro em outra área essa manhã, então havia pelo menos 11 aves. Um pequeno milagre dado a raridade destas Araras. Examinando os padrões de linhas de penas faciais, que são únicas para cada indivíduo, eu reconheci duas aves como o casal que havia criado dois dos filhotes no último ano. E com certeza havia dois filhotes empoleirados acima deles. Fiquei muito feliz. Ambos tinham conseguido sobreviver até agora.

É difícil descrever como me senti quando vi estes filhotes. Em resumo eles representam tudo que nosso projeto significa. A esperança para o futuro desta espécie na natureza. Ao mesmo tempo, porque passei quatro anos trabalhando com as Araras-de-Garganta-Azul, muitas memórias, boas e ruins, passavam pela minha mente enquanto essa manhã eu as observava brincar umas com as outras.

Já que estou deixando o projeto, talvez se espere que eu reflita se fiz ou não diferença no tempo que passei aqui na Bolívia. Ter uma manhã como aquela em 7 Islas é tranquilizador de várias maneiras. Na minha opinião nós estamos bem distantes de ter essa espécie totalmente recuperada, mas durante minha estada nesse projeto sinto que nós identificamos muitos aspectos da sua ecologia reprodutiva, e que podemos administrar melhor para ajudar a conseguir mais filhotes na natureza a cada ano. Eu comuniquei o máximo desse conhecimento quanto possível com Igor durante esse mês juntos e agora se o projeto irá ser bem sucedido ou não depende dele.

Do que tenho visto em nosso tempo juntos, o futuro das Arara está em boas mãos.

Esse é Igor inspecionando um ninho em potencial para Araras-de-Garganta-Azul.

Então o que vêm em seguida para mim? Eu irei para o peru para procurar as Maracanãs-de-Cabeça-Azul (*Primolius couloni*). Fiz meu doutorado na floresta tropical Peruana em 1999 e 2000 e para dizer a verdade, nunca vi uma selva tão rica em vida selvagem desde então. Vai ser como voltar para casa.

A Maracanã-de-Cabeça-Azul é a espécie de arara menos estudada, e coincidentemente a única espécie de arara que eu nunca vi no meio selvagem. Existe uma necessidade urgente de se conhecer onde a espécie se distribue assim como elementos básicos da sua história natural; do que se alimentam, seus hábitos reprodutivos, etc.

Li recentemente que devido a sua raridade são vendidas por \$3,500 dólares cada no mercado negro do Peru, por isso também quero estudar sobre as pressões que o tráfico exerce. Eu não espero responder

todas essas questões em curto tempo. Terei que estudá-las, mas já que tão pouco se conhece sobre essas aves, qualquer informação que conseguir coletar irá ajudar.

Essa foto Arara-de-Garganta-Azul foi tirada no Peru, em um barranco onde araras se alimentam de argila, por um colega meu, Luis Claudio Marigo. Deus queira que eu possa tirar fotos como essas!

Um grande começo

Escrito por Igor na Bolívia

17 de Outubro de 2007

Somente um mês após o início do período reprodutivo das Araras-de-Garganta-Azul, Igor Berkunsky tem boas notícias: Nós estamos cautelosamente otimistas pois temos visto as condições mudarem dramaticamente em curto tempo. E ainda estamos animados ao informar que as Araras estão tendo um início de estação reprodutiva que promete bastante. Com filhotes em 4 dos 6 ninhos ativos (os outros tem ovos) e com todos os filhotes sobrevivendo, nós esperamos ter ótimas notícias para reportar nos próximos meses.

Para esse e outros blogs por favor acesse: www.parrots.org - forums, bloggers & experts.

Agradecimento aos curadores do WPT

Andrew Greenwood MA Vet MB FI Biol Dip ECAM MRCVS

WPT Curador/Conselho 1989 a 2007

Na década de 1980 era uma prática comum fazer a sexagem por endoscopia de psitacídeos, e o jovem veterinário altamente qualificado Andrew Greenwood, fazia visitas ao Paradise Park para fazer esses procedimentos. Era fascinante ajudar e vital saber se as aves era machos ou fêmeas – especialmente depois de serem mantidas em “casais” por muitos anos apenas para descobrir que eram na verdade duas fêmeas.

Mike Reynolds havia começado a conversar sobre como ele considerava que realmente deveria ser uma organização especializada para ajudar psitacídeos – uma organização quer iria proteger espécies raras no meio selvagem, e promover qualidade superior nos cuidados em cativeiro. Foi numa das visitas de Andrew que ele se inteirou desse assunto. O background científico de Andrew e grande conhecimento sobre a medicina e biologia de psitacídeos eram uma combinação ideal ao entusiasmo e conhecimentos em avicultura de Mike. Então assim foi feita história e Andrew se tornou um dos curadores fundadores do World Parrot Trust quando este foi estabelecido em 1989.

Foi logo após isso que Mike encontrou Carl Jones, e ele conversaram sobre a difícil situação do Periquito das Ilhas Maurício. Esse se tornou o primeiro projeto de conservação no qual o WPT foi capaz de ajudar. Andrew visitou a Ilha, dando conselhos vitais sobre a população remanescente de somente 8-12 indivíduos. Essa população fundadora estava destinada a se tornar centenas dentro de uma década. O projeto de conservação intensivo resultou numa notável mudança da sorte pelo meio da qual a espécie foi rebaixada na lista de Animais Criticamente Ameaçados para Ameaçados – a estória descrita nessa edição da PsittaScene!

Entre outros, Andrew visitou a Nova Zelândia para ver o Kakapo e o Caribe para o papagaio de São Vicente, trazendo sua sabedoria e a do Grupo Internacional de Veterinários de Zoológicos (www.wildlifevetsinternational.org) em Yorkshire, Reino Unido, para lidar com os problemas que cada espécie enfrenta.

Nós estamos muito agradecidos que Andrew continuou a doar seu tempo ao World Parrot Trust como curador por incríveis dezessete anos – até que sua reputação como um dos melhores veterinários de

animais selvagens o obrigou a um cronograma massacrante, que permitiu sobrar pouco tempo para continuar com essa responsabilidade extra. Nós ainda somos privilegiados em poder chamá-lo para conselhos sempre que seus conhecimentos enciclopédicos sobre psitacídeos são necessários. Gostaríamos de agradecer-lo por todos seus esforços para os psitacídeos de todo mundo.

Dr Charles Munn III

WPT Curador/Conselho 1994 a 2007

Charlie Munn se apresentou no telefone para Mike Reynolds um dia em 1989 e os dois imediatamente se entenderam. A sua afeição mútua pela família dos papagaios e em particular pelas Araras Azuis criou uma harmonia imediata.

Aquele primeiro chamado foi bastante longo. Charlie havia lido uma das primeiras edições da PsittaScene e queria saber mais sobre o World Parrot Trust. Mike sabia sobre o trabalho do “homem das araras” e estava ansioso por ouvir sobre o trabalho de campo pioneiro que ele estava fazendo no Brasil. A compreensão de Charlie sobre a biologia, status e distribuição de muitas das aves mais importantes da América do Sul, como a Arara Azul e a Arara-de-Lear eram baseadas na sua sólida pesquisa científica.

O seu instinto de que a conservação iria depender de se fazer contatos pessoais em áreas importantes já era evidente. Não demorou muito antes que Mike perguntasse a Charlie se ele poderia partilhar sua perícia com o World Parrot Trust ao se tornar um curador.

Charlie tem estado na linha de frente nas pesquisas e projetos de conservação com araras, incluindo o desenvolvimento de caixas de ninhos artificiais que permitem que a atividade de nidificação seja monitorada, e apoiando ou criando filhotes que de outra maneira não teriam sobrevivido.

No Peru, Charlie reconheceu a importância dos barrancos de argila, e descobriu muito ainda desconhecido pela ciência. Ele até mesmo descobriu uma nova espécie de psitacídeo no barranco de argila em Manu. Os caçadores visavam as aves que se juntavam nesses locais, mas o trabalho de Charlie os transformou em ótimas oportunidades para ecoturistas e fotógrafos – criando empregos e renda em áreas pobres. Ele viu que um futuro seguro para todo o ecossistema incluindo psitacídeos, mas também tudo desde sapos a grandes felinos, dependia em dar às comunidades locais a oportunidade de se beneficiarem em proteger as florestas da caça e desmatamento insustentável. O modelo de sua ONG “conservação através do ecoturismo” foi uma novidade. Agora os entusiastas da vida selvagem podem visitar áreas remotas no Brasil, Peru, Equador, Costa Rica e muitos outros países para ter uma experiência única e ética - www.tropicalnature.org

No Brasil, ele lançou uma organização (BioBrasil) e começou a concentrar os esforços de conservação na Arara-de-Lear. Logo após o WPT começar a apoiar o seu trabalho, a BioBrasil encontrou a maior área de nidificação da Arara-de-Lear e facilitou a sua proteção, que tem sido essencial para a recuperação desta espécie.

Charlie também liderou uma fascinante expedição no antigo território da Arara-Azul-pequena, tristemente confirmando que essa magnífica ave está realmente extinta.

O WPT tem se beneficiado enormemente da perspectiva de Charlie em questões de conservação de psitacídeos, e das suas habilidades persuasivas para falar em público. Nós apreciamos sua dedicação firme e o agradecemos pelo seu apoio durante tantos anos.

PsittaNews Flock Talk

Ficar informado sobre o mundo dos psitacídeos ficou mais fácil. Flock Talk, o novo newsletter do WPT é entregue mensalmente para os sócios e outros que nos apoiam por todo mundo. Se beneficiando de um grande interesse pré-lançamento, a edição inaugural incluiu artigos atrativos sobre o cuidado de psitacídeos, enriquecimento ambiental, esforços para conservação e últimas notícias. Crítica de produtos e uma entrevista com um líder na pesquisa sobre aves proporcionou aos leitores uma leitura rápida e informativa.

Baseado na grande resposta a essa primeira edição, todos os sócios irão receber uma cópia como benefício de sócio.

Para assegurar que receba sua edição, por favor mande um email para uk@worldparrottrust.org ou visite www.parrots.org

Parrotnews

Alex o Papagaio do Congo

O papagaio mais conhecido pela ciência faleceu no dia 6 de Setembro com 31 anos.

A Dra. Irene Pepperberg comprou um Papagaio do Congo de um ano de idade de uma pet shop em 1977. E assim começou uma das mais conhecidas duplas no campo da ciência do comportamento animal.

Ele tinha um vocabulário de 150 palavras. Sabia o nome de 50 objetos e podia além disso, descrever as suas cores, formas e materiais de que eram feitos. Ele podia responder questões sobre as propriedades dos objetos, mesmo quando não tinha visto aquela combinação de características antes. Ele podia pedir coisas – e rejeitava um determinado item e pedia novamente se não era aquilo que queria. Alex entendia e podia discutir os conceitos de “maior”, “menor”, “igual” e “diferente”. E ele tinha a capacidade de contar até 6, incluindo o número zero (e estava compreendendo o conceito de 7 quando morreu). Ele até mesmo sabia quando e como se desculpar se irritava a Dra. Pepperber ou seus colaboradores.

Ainda existem alguns pesquisadores que consideram que as habilidades de Alex eram resultado de repetição ao invés de pensamento abstrato. Alex, contudo, convenceu a maioria da área de que aves, assim como mamíferos, podem desenvolver cognição complexa e sofisticada, e comunicar esses resultados com outros. É uma pena que ele agora é, como diziam no Monty Python, um ex-papagaio.

Fonte: 20 Set, 07 <http://www.economist.com/obituary>

Vírus aviários atingem a Austrália

Os cientistas afirmam que ao menos três doenças contagiosas e fatais de aves conseguiram ultrapassar os procedimentos de quarentena da Austrália e irão se espalhar entre os psitacídeos nativos.

Um desses vírus é o causador da Doença de Pacheco, que mata aves dentro de 48 horas e tem sido incriminado pela morte de pelo menos 46 muito ameaçados Periquitos-de-barriga-laranja em um criadouro em Hobart.

Os outros dois são os causadores da Síndrome de Dilatação do Pró-ventrículo e o Papilomavírus aviário.

Fonte: <http://canberra.yourguide.com.au/>